

# saúde ambiental

caderno de notas soltas III

EDITORES

Ricardo R. Santos

Osvaldo Santos

Ana Abreu

# Saúde Ambiental

## caderno de notas soltas III

### EDITORES

Ricardo R. Santos, Osvaldo Santos e  
Ana Abreu

### AUTORES

Luís Caminha • Andreia Costa • Susana Sul • Paulo Nogueira  
Adriana Henriques • Miguel Arriaga • Gisele Câmara  
Violeta Alarcão • Fátima Rodrigues • Ana Abreu • Cátia Branquinho  
Catarina Noronha • Bárbara Moraes • Tânia Gaspar  
Margarida Gaspar de Matos • David Santos  
Rodrigo Feteira-Santos • Raquel Martins • Carolina Capitão  
Elias Barreto • Andreia Matos • Maria Clara Bicho • Manuel Bicho  
Pedro Candeias • Ana Virgolino • Inês Várzea • Osvaldo Santos  
Francisco Antunes • Cristina Bárbara • Gabriel Mendes  
Cátia Caneiras • João Ramalho • Maria Leonor Santos  
Brígida Riso • Isabela Sousa

**Título**

Saúde Ambiental – caderno de notas soltas III

**Editores**

Ricardo R. Santos, Osvaldo Santos e  
Ana Abreu

**Autores**

Vários

**Foto de capa**

Pedro Bila Santos

**Publicação**

Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina de Lisboa  
Av. Professor Egas Moniz, 1649-028 Lisboa

*A publicação deste livro resulta de uma parceria entre a Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina de Lisboa e o Instituto de Saúde Ambiental da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (Unidade de I&D financiada pela FCT, UIDB/04295/2020).*

*Nota: Cada um dos autores tomou a liberdade de adoptar, ou não, o Novo Acordo Ortográfico.*

Junho de 2023 © Autores

# Teorias da conspiração e a sua relação com comportamentos de saúde

Pedro Candeias

Laboratório de Comportamentos de Saúde Ambiental (EnviHeB Lab) do Instituto de Saúde Ambiental da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa;  
Departamento de Métodos de Pesquisa Social,  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

## Introdução

Se acreditam que a princesa Diana fingiu a sua própria morte, têm maiores chances de terem tido COVID-19! A ideia parece absurda, mas nas próximas páginas será demonstrada a validade do argumento, explorando alguma da literatura sobre teorias da conspiração (TC) que, recentemente, tem tido uma relação marcada com a saúde e comportamentos de saúde.

## Definição e origens

Ao longo da história, têm sido difundidas diversas teorias que se podem enquadrar em teorias conspiratórias. Relatos históricos identificam-nas já na época da revolução francesa. Ao longo dos tempos, estiveram associadas a revoluções, ataques terroristas, discriminação negativa e até tentativas de genocídio, como a que se deu durante a Alemanha nazi. Atualmente, algumas destas teorias continuam a ser divulgadas com uma nova roupagem.



As TC podem ser definidas como explicações de eventos ou circunstâncias com base em atos mal-intencionados de grupos secretos e poderosos. Existem alguns pontos em comum entre elas, como um ideal-tipo, nomeadamente: a existência de uma agenda secreta, a ação de um grupo conspirador, alguma evidência que parece suportar a teoria de base, a atribuição de culpa e um grupo particular de pessoas (scapegoating), e uma separação entre pessoas que são vítimas e outras que são perpetradoras. As que divulgam as TC possuem uma autoperceção de si como vítimas e pregadoras da verdade. Mesmo que assentem em argumentos contraditórios, com reduzida lógica e plausibilidade, as TC têm impacto nas emoções, atitudes e comportamentos. São produzidas e divulgadas por pessoas com tendência para um pensamento conspiratório ou um mindset conspiratório. Este mindset tem uma tendência cumulativa, ou seja, pessoas com esta tendência tendem a suportar diversas TC.

Embora muitas TC sejam falsas, existem conspirações verdadeiras: o Júlio César foi assassinado, no âmbito de uma conspiração, numa reunião do Senado; o Rei D. Carlos I foi assassinado, em 1908, na Praça do Comércio de Lisboa. Existem também conspirações de larga escala com impacto na saúde: empresas de tabaco esconderam ter conhecimento dos malefícios do fumo, e é agora sabido que uma empresa de automóveis falsificou os valores das emissões de carbono dos seus veículos.

Existem muitas outras TC que nunca foram provadas como sendo verdadeiras, mas que perduram na opinião pública, e são um fenómeno persistente nas sociedades contemporâneas. Em 2014, nos Estados Unidos, cerca de metade da população acreditava em pelo menos uma TC. No que respeita a exemplos mais concretos, no ano de 2017, uma sondagem apontava para cerca de 60% da população americana acreditar que tinha existido mais que um atirador responsável pela morte do JFK (1963). Outras TC que já foram alvo de sondagens foram, por exemplo, a não chegada de astronautas americanos à lua, em 1969; a morte da princesa Diana, em 1997; e até algumas das teorias presentes n' *O código de DaVinci*, de Dan Brown.

Com este contexto, temos uma definição e alguns exemplos de TC; de seguida, procuram-se resposta a questões clássicas: Por que é que existem

TC? Quando emergem? E de que forma?

Porquê? De forma a garantir uma segurança ontológica, as pessoas têm necessidade de desenvolver crenças em relação ao mundo. As TC servem como uma narrativa que atribui sentido ao mundo. Podem ser consideradas mapas cognitivos, usados para interpretar realidades sociais e políticas. Em algumas situações são estrategicamente construídas para prejudicar um inimigo.

Quando? A história tem mostrado que as teorias da conspiração emergem em situações de crise social, de bastante incerteza. São alturas em que existe um sentimento de perda de controlo, e as TC fornecem uma perceção de segurança (no sentido de perceber que se passa à nossa volta). Baseiam-se na ideia de que grandes fenómenos não podem ser simplesmente fruto do acaso, têm de ter grandes explicações subjacentes. Por outras palavras, as explicações devem ser proporcionais aos eventos. Como? As TC tendem a ser desenvolvidas numa lógica de categorização de “outro/s”, uma entidade mais ou menos secreta, muito poderosa, com intenções de dano ao bem comum, tendo por base algum tipo de ganho ou interesse próprio. Sobre a forma de propagação, circulam no boca-a-boca, televisão, cinema, música, e com maior relevância recentemente, em ambientes online, contexto que será detalhado de seguida.

As TC divulgadas através da internet circulam em diversos canais: websites, blogs e, mais recentemente, através de redes sociais (embora também possam ser disponibilizados contra-argumentos que refutam TC). Em algumas redes sociais, os algoritmos operam de maneira que, a partir do momento em que clicamos num post cujo conteúdo remete para TC, ser-nos-ão oferecidos posts semelhantes. O que pode gerar um fechamento e um alimentar constante de conteúdos semelhantes. Em ambientes online, posts com conteúdos falsos espalham-se mais facilmente do que posts com conteúdos verdadeiros. Estes posts são partilhados em grupos com o formato de comunidades, em que estas crenças são constantemente alimentadas. Na lógica da “partilha” de conteúdos em redes sociais, as pessoas preferem partilhar desinformação no geral, uma vez que este conteúdo é considerado mais interessante, mais engaging, e um melhor tópico de conversa do que informações fidedignas. Devido a este

formado de comunidade, garantem aos seus membros um sentimento de pertença, de solidariedade, e de identidade social. As convicções obtidas através deste meio são difíceis de dissuadir. A partilha de informação através de redes sociais é vista como uma alternativa aos media tradicionais (televisão, rádio e jornais). A descrença nos meios convencionais leva a uma escolha seletiva de fontes, que tendem a corroborar ou a reforçar as crenças previamente desenvolvidas. Neste campo, media tradicionais e novos media são antagónicos, sendo que a exposição a media tradicionais decresce a crença em TC. Contudo, é de referir que, em alguns países, os media tradicionais também podem difundir TC.

Conhecendo as condições que permitem a emergência deste fenómeno, importa conhecer como é estudado. Nos estudos sobre TC, o indicador comumente utilizado é a crença na conspiração. Em inquéritos por questionário é perguntado à pessoa o quanto acredita ou considera provável, uma ou mais teorias. As próximas linhas percorrem alguns dos fatores associados à adesão a TC.

### **Preditores para a adesão a TC**

Os preditores para a adesão a TC podem ser de ordem sociodemográfica, social, política ou psicológica.

Nos fatores sociodemográficos, a idade é usada no sentido em que as pessoas mais novas são mais descrentes das instituições governamentais e maiores consumidores de social media, por isso mais prementes a TC. Na escolaridade, espera-se uma maior adesão em pessoas menos escolarizadas, uma vez que a educação leva a uma sofisticação cognitiva, pensamento crítico, ceticismo, e sentimento de controlo sobre situações estressantes. É também relevante a religiosidade, uma vez que as TC partilham algumas características com as religiões, como mitos, separação e acentuação entre o bem e o mal, e a crença de que se vivem os dias do fim. A religiosidade também é associada a posições anticência, presentes em algumas TC, uma vez existe a ideia de que as conclusões científicas podem pôr em causa crenças religiosas.



A um nível meso, aponta-se que as pessoas que suportam teorias da conspiração tendem a viver em pequenas bolhas de like-minded, e que, quando as pessoas fazem parte de um grupo que é auto-percecionado como inferior, as TC ajudam a melhorar a sua autoimagem, denegrindo a imagem do heterogrupo.

Nos preditores de ordem política, a mentalidade conspiratória está associada à descrença face a atores governamentais. No campo da ideologia política, existe uma função quadrática, isto é, é mais frequente nos dois extremos do espectro político. Alguns destes grupos estão associados a outras correntes ideológicas como grupos exotéricos ou espirituais, como conspirituais e antiglobalização.

Não obstante a importância dos preditores acima listados, a investigação parece ter sido mais desenvolvida no campo dos preditores de ordem psicológica, que serão seguidamente divididos em três grupos.

O primeiro grupo de preditores diz respeito a necessidades. As pessoas tendem a subescrever TC quando algumas necessidades não se encontram cumpridas. Mais concretamente, existem necessidades epistémicas: o desejo de satisfazer curiosidade e de evitar incerteza, por isso tendem a emergir em épocas mais conturbadas. Existem também necessidades existenciais, o desejo de estabelecer um sentimento de segurança e controlo. Existe ainda a necessidade de unicidade, de se distanciarem dos demais. Por fim, a um nível coletivo, existe a necessidade de desenvolver uma identidade grupal positiva. As TC permitem dar resposta a estas necessidades.

Um segundo grupo de preditores diz respeito a traços de personalidade. A adesão a TCs está associada ao narcisismo (uma autoimagem exagerada, acompanhada de uma necessidade de validação externa), à tendência para ficar aborrecido/a facilmente (boredom proneness) e a baixos níveis de autoestima, sendo que a ideia de que se possui informação rara que as outras pessoas não têm, melhora a autoestima. Existem ainda sintomas de desordem de personalidade que podem ser importantes, como esquizofrenia, paranoia, ansiedade social, e suspeita interpessoal.



O terceiro grupo remete para tipos de raciocínio. O primeiro a ser referenciado, associa-se à rapidez com que as pessoas chegam a conclusões, ou fazem generalizações, o que se considera um *jumping-to-conclusion bias*. Pessoas que tendem a formular conclusões com menor número de informações tendem a aderir mais facilmente a TC. Também relevante, é a tendência para encontrar padrões inexistentes (*illusory pattern perception*) que é uma característica humana que permite dar ordem ao caos. A adesão a TC é também superior nas pessoas que sobrestimam a sua capacidade de compreender fenômenos complexos. No sentido contrário, a adesão está negativamente correlacionada com a *open-mindedness*, o pensamento analítico e crítico. Por fim, encontra-se positivamente correlacionado com um conceito curioso – *bullshit receptivity* – o primeiro termo é definido como afirmações usadas com o intuito de impressionar outras pessoas, sem verificação de veracidade (existe literatura sobre vários tipos de *bullshit*).

## Teorias da conspiração no campo da saúde

No campo da saúde, existe vasto leque de TC. Pode considerar-se que fazem parte de um paradigma ou movimento pós-moderno, que tende a questionar os objetivos da ciência no geral, e da medicina em particular. Em outras situações, as TC podem ser disfarçadas de termos científicos, dando uso a uma pseudociência. Por exemplo, existem teorias que negam as alterações climáticas – uma sondagem de 2013 mostrava que um terço da população americana não acreditava que se está a dar um aumento do aquecimento global (embora também existam as teorias no extremo oposto, o de que existem grupos poderosos que poluem e que contribuem mais para o aquecimento global do que se conhece). Uma vez que as crenças levam aos comportamentos, estas TC têm impacto nos comportamentos de saúde. Por exemplo, as pessoas expostas a teorias que negam as alterações climáticas têm tendência para não reduzir a sua pegada de carbono.

Outros exemplos: Existem teorias que contrariaram práticas de sexo seguro. Esta teoria defende que, nos Estados Unidos, os métodos contraceptivos modernos são uma forma de genocídio contra pessoas afroamericanas. Em países africanos, existem teorias que negam a existência da SIDA.

Ainda em países africanos, durante um surto de ébola, acreditava-se que os profissionais de saúde estavam na verdade a tentar espalhar o vírus, e, por isso, as pessoas evitavam estes profissionais. Posteriormente, durante a epidemia do vírus Zica (2015-2016) também foram espalhadas TC a seu respeito.

Algumas destas TC levaram a que doenças que já estavam controladas ou quase erradicadas, voltassem. O que é especialmente relevante no campo da vacinação. As TC sobre a vacinação são construídas em torno da ideia de que existem grandes empresas farmacêuticas e governamentais com interesses ocultos e desonestos. Um dos maiores exemplos no pré-COVID-19 foi a teoria em torno da vacina MMR, contra sarampo, papeira e rubéola.

### **Teorias da conspiração em relação à pandemia COVID-19**

Chegamos assim às mais recentes TC, as relacionadas com a pandemia COVID-19. Tendo em mente as páginas anteriores, é compreensível a sua emergência: um contexto de incerteza com grandes impactos, pessoas com acesso a redes sociais e em isolamento... uma combinação perfeita! Estas TC podem agrupar-se em teorias sobre a origem do novo coronavírus, e TC sobre a segurança da vacinação. Estas TC foram acompanhadas de diversas notícias falsas e desinformação. Especialmente através de mensagens WhatsApp, difundidas em grupos privados e sem fact-checking. Face a esta proliferação de desinformação, algumas redes sociais tomaram medidas, por exemplo, reduzindo o seu aparecimento nos feeds e buscas. Algumas das mensagens que circularam no WhatsApp foram recicladas de conteúdos que tinham sido colocados no Facebook, mas que tinham sido retirados pela equipa. Face a esta situação, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que, em conjunto com a pandemia de COVID-19, se deu uma infodemia, que deu origem a todo um movimento negacionista. Algumas das pessoas representantes destes movimentos apresentavam-se como profissionais de saúde, como forma de legitimar ou atribuir um carácter científico aos seus argumentos.

Alguns dados permitem quantificar e ilustrar este impacto: No início da pandemia, no intervalo de três semanas, foram partilhados cerca de

2.000.000 tuítes a divulgar TC. Em abril de 2020, o Twitter reportou que houve um tuíte acerca da COVID-19 a cada 45 milissegundos. Uma sondagem levada a cabo nos Estados Unidos, em 2020, apontava para 71% de pessoas americanas terem conhecimento da teoria de que a propagação do novo coronavírus tinha sido deliberada por atores poderosos, e 25% acreditavam nela (de certeza ou provavelmente). Uma estimativa do mesmo ano apontava para 58 milhões de seguidores de grupos antivacinas nas redes sociais.

Em Portugal, um antigo partido político, o PDR (Partido Democrático Republicado) reestruturou-se no ADN (Alternativa Democrática Nacional) e procurou representar as pessoas que se assumiam contra testes, máscaras e certificados digitais. Embora não tenha eleito nenhum deputado nas eleições, serve para perceber o quanto o tema pode ser fraturante, ao ponto de merecer ser a “bandeira” de um partido político.

A proliferação destas TC influenciou comportamentos em saúde no que respeita ao cumprimento de normas de segurança e de vacinação. Existem, evidentemente, consequências, devido a um efeito encadeado, em que pessoas que acreditam em TC sobre COVID-19, tiveram maior propensão para adotar comportamentos de risco, logo maior propagação do vírus, e menor propensão a serem testadas. Mas quando eram testadas, tinham maiores probabilidades de o teste ser positivo.

## Notas finais

As TC não são uma novidade, mas adaptam-se ao *zeitgeist*. Os impactos são sentidos em várias esferas da sociedade, incluindo na saúde. Os modos de neutralizar os seus efeitos são ainda reduzidos (não cobertos neste texto), passam por iniciativas pedagógicas como o desenvolvimento de pensamento crítico e lógico, competências digitais, *fact checking*, análise crítica das fontes de informação e dos seus meios. Podemos esperar novas explicações rebuscadas para o próximo grande evento que desestabilize o nosso quotidiano.

## Sugestões de leitura

Sobre as teorias da conspiração ao longo da história:

Prooijen, J.-W. v., & Douglas, K. M. (2017). Conspiracy theories as part of history: The role of societal crisis situations. *Memory Studies*, 10(3), 323-333. doi: 10.1177/1750698017701615

Para uma revisão de literatura aprofundada sobre as TC:

Douglas, K. M., Uscinski, J. E., Sutton, R. M., Cichocka, A., Nefes, T., Ang, C. S., & Deravi, F. (2019). Understanding Conspiracy Theories. *Advances in Political Psychology*, 40. doi: 10.1111/pops.12568

Sobre os preditores para a adesão a TC:

Buturoiu, R., Udrea, G., Oprea, D.-A., & Corbu, N. (2021). Who Believes in Conspiracy Theories about the COVID-19 Pandemic in Romania? An Analysis of Conspiracy Theories Believers' Profiles. *Societies*, 11(138). doi: 10.3390/soc11040138

Whitson, J.A., Kim, J., Wang, C. S., Menon, T., & Webster, B. D. (2019). Regulatory Focus and Conspiratorial Perceptions: The Importance of Personal Control. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 45(1), 3–15. doi: 10.1177/01461672187750

Sobre o conteúdo das TC acerca da COVID-19:

Önnerfors, A. (2021). *Conspiracy theories and COVID-19: The mechanisms behind a rapidly growing societal challenge*. Karlstad: The Swedish Civil Contingencies Agency.

Para uma análise qualitativa às TC em relação à vacinação contra a COVID-19:

Wonodi, C., Obi-Jeff, C., Adewumi, F., Keluo-Udeke, S. C., Gur-Arie, R., Krubiner, C., . . . Faden, R. (2022). Conspiracy theories and misinformation about COVID-19 in Nigeria: Implications for vaccine demand

generation communications. *Vaccine*, 40(13), 2114-2121. doi: 10.1016/j.vaccine.2022.02.005

Sobre as como reduzir TC no geral e específicas sobre a COVID-19:

Douglas, K. M. (2021). COVID-19 conspiracy theories. *Group Processes & Intergroup Relations*, 24(2), 270–275. doi: 10.1177/1368430220982068

Na sua 3.<sup>a</sup> edição, o Caderno de Notas Soltas pretende reunir diferentes perspetivas e metodologias, celebrando a sua razão de ser e a nobreza da sua génese intimamente ligada à realidade dos estudantes. Na verdade, passados três anos retomamos uma colaboração firmada desde a primeira hora com a Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina de Lisboa (AEFML), num registo de proximidade da comunidade estudantil e dos interesses das gerações futuras.

*Duarte Tude Graça*  
*Do Prefácio*

